

VILA CRUZEIRO: LEGADOS AO EMPREGO DOS FUZILEIROS NAVAIS NO SÉCULO XXI¹

LUIZ OCTÁVIO GAVIÃO*
Capitão de Fragata (FN)

SUMÁRIO

Introdução

Vila Cruzeiro e a estratégia de combate às drogas

Primeiro legado: a importância da prontidão operativa dos Fuzileiros Navais

Segundo legado: a importância do serviço de comunicação social e da mídia

Terceiro legado: a importância da integração do fuzileiro naval com outras instituições

Conclusão

INTRODUÇÃO

As operações envolvendo fuzileiros navais, policiais militares e civis na Vila Cruzeiro, na cidade do Rio de Janeiro, deixaram três bem-sucedidos legados para o emprego de Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) no cam-

po de batalha moderno: primeiro, a importância da prontidão operativa, principalmente em situações de rápida escalada da crise; segundo, a importância do serviço de comunicação social e da mídia, como fator de alavancagem do apoio da opinião pública, e, por fim, a importância da integração² com outras forças e institui-

¹ Tema proposto pelo Departamento de Pesquisa e Doutrina do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais.

² N.A.: O autor preferiu o termo “integração” em vez de “interoperabilidade” por considerá-lo mais abrangente, sem qualquer conotação à necessidade de meios e procedimentos técnicos/táticos em comum.

* N.R.: O Capitão de Fragata Gavião é o atual comandante do 3º Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (Batalhão Paissandu). Serviu no Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais de janeiro de 2008 a junho de 2010.

ções, complementando capacidades ou conferindo legitimidade ao emprego do poder militar. Esses três legados foram essenciais ao sucesso da breve, porém relevante, operação na Vila Cruzeiro, em 25 de novembro de 2010.

A análise dos eventos na Vila Cruzeiro também é oportuna e pertinente, na medida em que se visualiza cada vez mais a possibilidade de emprego dos GptOpFuzNav em operações militares em ambiente urbano (Omau). As perspectivas de cenários para aplicação do poder naval no século XXI consideram elevada a probabilidade de operações anfíbias nesse tipo de ambiente, tendo em vista a estimativa de concentração de mais de 70 por cento da população mundial em uma faixa litorânea inferior a 500 km de profundidade³, relativamente estreita para as dimensões globais, convivendo sob latente influência das chamadas “novas ameaças”.⁴

A natureza difusa que caracteriza as “novas ameaças” é facilmente identificável no caso da Vila Cruzeiro. Estima-se que entre uma população de aproximadamente 10 mil moradores dessa comunidade se encontravam apenas 200 narcotraficantes, que aproveitam as características do terreno típico das favelas cariocas para se misturarem

com a população. A tentativa de evasão de narcotraficantes da Vila Cruzeiro entre moradores, acenando bandeiras brancas em alusão à almejada paz na região, evidencia a dificuldade em segregá-los da população civil. A provável utilização de redes de águas pluviais para fugirem do assalto à Vila Cruzeiro demonstra o grau de conhecimento e adaptação a esse tipo de terreno urbano. A dificuldade em distinguir a “tropa inimiga” da população local amplia consideravelmente o risco de danos colaterais,

requerendo atenta observação de regras de engajamento que permitam proteger essas comunidades.

O orgulho evidente entre os fuzileiros navais que participaram e dos que acompanharam os eventos na imprensa e o sentimento do dever cumprido nessa breve operação não podem ofuscar uma análise dos eventos que a

marcaram. A história militar mostra que é essencial analisar as vitórias com a mesma profundidade que as derrotas, tirando lições que permitam uma adaptação de forma mais rápida e ágil que o inimigo, à medida que fatores imponderáveis se apresentem na próxima batalha.

No ano 9 da Era Cristã, Quintilius Varus cruzou a fronteira do Império Romano, marchando com três legiões romanas em colu-

A análise dos eventos na Vila Cruzeiro é oportuna e pertinente, na medida em que se visualiza cada vez mais a possibilidade de emprego dos GptOpFuzNav em operações militares em ambiente urbano

³ KRULAK, Charles C. “Ne Cras: not like yesterday”, in SHULTZ, Richard H. e PFALTZGRAFF, Robert L. *The Role of Naval Forces in 21st Century Operations*, ed., Washington, DC, Brassey’s, 2000.

⁴ As “novas ameaças” concentram as maiores preocupações dos setores de defesa no século XXI. O terrorismo da Al-Qaeda, a pirataria nas costas da Somália, o narcotráfico na América Latina, o fanatismo religioso no Oriente Médio, movimentos separatistas, o crime organizado nas grandes metrópoles mundiais, a questão árabe-israelense e o domínio do enriquecimento de urânio por *outsiders* são alguns exemplos de atuação das “novas ameaças” neste início de século.

nas para combater os bárbaros.⁵ Varus repetiu a mesma manobra realizada três anos antes, quando aprisionara mais de 20 mil bárbaros que resistiam ao poder de Roma. Na Floresta de Teutoburg, no entanto, o resultado da batalha seria diferente. Em menos de 12 horas, as três legiões romanas foram dizimadas, enquanto os bárbaros entoavam um estranho brado: “*ne cras, ne cras*”, ou seja, “não como ontem, não como ontem”. Por que o resultado entre as batalhas tinha sido tão adverso aos romanos?

O surpreendente resultado em Teutoburg refletiu a capacidade de adaptação dos bárbaros e a falta de criatividade dos legionários romanos, que depositaram excessiva confiança em sua “tecnologia” superior e no histórico de vitórias em circunstâncias semelhantes. Os romanos dominavam o emprego da cavalaria e do poder de fogo preciso dos arqueiros, enquanto os bárbaros não dispunham de tal poder de combate. De forma astuta, os bárbaros canalizaram a cavalaria para terreno acidentado e pantanoso, reduzindo sua mobilidade e, conseqüentemente, anulando sua ação de choque. De igual forma, dissociaram os arqueiros para as florestas vizinhas, impedindo a trajetória das flechas por meio da densa cobertura vegetal. Varus falhou ao crer que o sucesso recente, alcançado no último combate, contra o mesmo inimigo,

no mesmo tipo de terreno, traria o mesmo resultado vitorioso.

A breve história de Quintilius Varus, no entanto, traz como lição a importância do olhar cuidadoso sobre as vitórias no campo de batalha. A experiência romana indica que operações bem-sucedidas no passado não garantem a derrota do mesmo inimigo em batalhas travadas sob circunstâncias semelhantes. Ao contrário, a história militar evidencia que cada batalha é única, sujeita a fatores imponderáveis, capazes de pender a vitória ao contendor inferiorizado numérica e tecnologicamente.

A história militar evidencia que cada batalha é única, sujeita a fatores imponderáveis, capazes de pender a vitória ao contendor inferiorizado numérica e tecnologicamente

O artigo a seguir contextualizará a Vila Cruzeiro na estratégia de combate às drogas e enfocará os três importantes legados aos fuzileiros navais, com a finalidade de contribuir com os próximos planejamentos em operações similares e evitar qualquer analogia à experiência romana.

Vale destacar que essa análise também contribui para extrair lições interessantes às Omapu, um tipo de operação que tende a se tornar cada vez mais frequente para as forças anfíbias no século XXI.

VILA CRUZEIRO E A ESTRATÉGIA DE COMBATE ÀS DROGAS

Infelizmente ainda não se conhece uma estratégia eficiente e duradoura de combate ao narcotráfico. Estratégia, por defini-

⁵ A experiência de Quintilius Varus foi apresentada pelo General Charles C. Krulak, ex-comandante-geral do United States Marine Corps (USMC), na abertura da conferência “O Papel das Forças Navais nas Operações do Século XXI”, realizada em 1997 pelo International Security Studies Program of the Fletcher School of Law and Diplomacy. Teutoburg é, atualmente, a cidade de Minden, na Alemanha.

ção, é a arte de reunir meios para atingir a um fim, e o conceito não é exclusivo ao uso militar. No caso de uma estratégia nacional de combate às drogas, verifica-se que derrotar o narcotráfico é o fim comum, e os instrumentos do poder nacional representam os meios à disposição do Estado para combatê-lo. Uma estratégia vitoriosa requer ações permanentes de prevenção e repressão ao funcionamento de uma complexa rede que mantém o narcotráfico, reunindo produtores, distribuidores, consumidores e patrocinadores financeiros e ideológicos ao uso de drogas. Nesse contexto, é importante diferenciar soluções de respostas imediatas; uma solução definitiva requer o efetivo engajamento das expressões do poder nacional, estando o poder militar limitado a respostas imediatas, pontuais e limitadas, que permitam uma estabilização do problema a curto prazo.⁶

O “negócio” do narcotráfico em nada difere, tecnicamente, de uma atividade econômica que bem explora os benefícios de um mundo cada vez mais globalizado, que requer mercados, capital de giro, fluxo de caixa, controle de estoque, logística de transporte e armazenamento, entre outros aspectos inerentes ao comércio de um produto qualquer, porém de elevado valor agregado. Assim, uma estratégia eficiente requer a prevenção e repressão das ativida-

des em todos os nós dessa rede. Por exemplo, cabe ao poder econômico o rastreamento e bloqueio do fluxo financeiro dos cartéis da droga; ao poder político, a realização de alianças internacionais que permitam combater o problema além-fronteiras e alianças nacionais para combater a corrupção que alimenta o narcotráfico; ao poder militar, as ações armadas de cunho repressivo e em apoio aos órgãos de segurança pública; ao poder informacional (ou expressão psicossocial), angariar o apoio

da opinião pública ao esforço nacional; e, por fim, ao poder científico-tecnológico, a qualidade dos serviços de inteligência e o monitoramento da rede do narcotráfico.

Vila Cruzeiro, no contexto estratégico, representa apenas uma ação pontual do poder militar, um objetivo limitado, de caráter repressivo e temporário, contra um nó da extensa e profunda rede do

narcotráfico. Em 2007, o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro (Bope) realizou uma operação similar no mesmo local, recebendo críticas sobre a inutilidade desse tipo de operação para resolver o problema da violência e o excessivo risco à população dessas comunidades.⁷ Retornando um pouco mais no tempo, recordamos que a Operação Rio, em 1994 e 1995, também foi bem-sucedida a curto prazo, porém mostrou ser uma estra-

Vila Cruzeiro, no contexto estratégico, representa apenas uma ação pontual do poder militar, um objetivo limitado, de caráter repressivo e temporário, contra um nó da extensa e profunda rede do narcotráfico

⁶ GAVIÃO, Luiz O. The Armed Forces and Drug Trafficking: Operation Rio as a case study. Marine Corps University, Quantico, Virgínia, 23 abr. 2003, 61 p.

⁷ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/05/03/295606300.asp>. Acesso em 05 de dezembro de 2010.

tégia insuficiente a longo prazo.⁸ Em 2010, as equipes policiais combateram no mesmo local, realizando ações semelhantes de caráter repressivo, porém contra um reforçado inimigo. O narcotráfico lentamente reassumiu o controle das favelas no Rio de Janeiro, ampliando consideravelmente seu “poder” econômico e armado nas últimas décadas.

O que é único em relação à Vila Cruzeiro de 2010, em comparação à ocupação de 2007 no mesmo local, refere-se à estratégia de instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Essa estratégia tem sido eficaz na manutenção das comunidades carentes sob controle do Estado, evitando o retorno de narcotraficantes aos seus reductos. A mensagem interceptada dos chefes do tráfico carioca, “com UPP não haverá Olimpíada”, em alusão aos Jogos Olímpicos Rio-2016, reflete bem o sucesso da estratégia adaptada das administrações de Bogotá, Medellín e Cali, na Colômbia.⁹

O sucesso de curto prazo obtido por fuzileiros navais e policiais militares do Bope na Vila Cruzeiro representa a vitória isolada de uma batalha, no contexto de uma campanha que provavelmente demandará outras batalhas urbanas. Vale acrescentar que uma estratégia nacional eficiente de combate às drogas provavelmente demandará ações coordenadas das demais expressões do poder nacional, estimulando o prosseguimento da prevenção e repressão ao narcotráfico, tendo como principal efeito desejado a

extinção da complexa rede das drogas no País.

PRIMEIRO LEGADO: A IMPORTÂNCIA DA PRONTIDÃO OPERATIVA DOS FUZILEIROS NAVAIS

A prontidão do GptOpFuzNav-Rio exigiu elevado profissionalismo dos fuzileiros navais. A maior parcela da tropa se encontrava em adestramento na área de Itaoca, Espírito Santo (ES), situada a cerca de sete horas por via rodoviária do Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG), no Rio de Janeiro. O comandante do Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais, que

viria a apoiar as operações na Vila Cruzeiro, se encontrava em pleno deslocamento para o Rio de Janeiro, nas proximidades da cidade fluminense de Campos, quando recebeu a ordem de apresentar um Pelotão de Blindados na Base de Fuzileiros Navais do Rio Meriti (BFNRM),

Por volta das 8 horas do dia 25 de novembro, quando o Bope concluiu a concentração de meios, o Grupamento Rio já estava reunido, surpreendendo os próprios policiais

às 7h30 do dia seguinte. A unidade foi imediatamente acionada e iniciou sua preparação para cumprir o prazo determinado. No dia seguinte pela manhã, as unidades de infantaria receberam a determinação de equipar pelotões de Fuzileiros Navais para deslocamento imediato à mesma Base, em apoio ao componente de combate terrestre do GptOpFuzNav-Rio.

A resposta rápida ao acionamento dos meios de fuzileiros navais foi essencial para a surpresa da operação. A Secretaria de

⁸ GAVIÃO, Luiz.

⁹ SOARES, Ronaldo; LIMA, Roberta A. “A Guerra começa a ser vencida”. *Veja*, n. 48, p.133-142, 01 dez. 2010.

Estado de Segurança do Rio de Janeiro e o Bope mantiveram a operação em sigilo até o momento da solicitação dos meios da Marinha do Brasil (MB), na véspera da invasão da Vila Cruzeiro. Por volta das 8 horas do dia 25 de novembro, quando o Bope concluiu a concentração de meios na BFNRM, o GptOpFuzNav-Rio já estava reunido, surpreendendo os próprios policiais.

Imaginar a ausência de prontidão operativa permite compreender a dimensão desse legado. Um eventual atraso na tramitação de ordens, no deslocamento dos meios ou mesmo na indisponibilidade técnica dos blindados e de suas guarnições ocasionaria considerável retardo à execução da operação. Em quaisquer dos casos, a surpresa do assalto à Vila Cruzeiro estaria provavelmente comprometida, pois a concentração não rotineira de agentes de segurança pública de diversas procedências nas proximidades do 16º Batalhão de Polícia Militar (BPM), no bairro de Olaria, e em regiões do bairro da Penha poderia denunciar a operação na Vila Cruzeiro de modo prematuro. A própria BFNRM, localizada às margens da Rodovia Washington Luiz, uma das mais movimentadas do País, concentrou significativo efetivo de meios policiais, e qualquer atraso no início das operações também poderia chamar a atenção do público ou da imprensa sobre alguma operação que em breve seria desencadeada.

A prática da ativação de GptOpFuzNav para as diversas atividades que requeiram o emprego de fuzileiros navais contribuiu para agilizar a concentração dos meios na BFNRM. As Organizações Militares (OM) e suas guarnições já tornaram a reunião dos meios sob os diversos componentes dessa organização por tarefas (OrgTar) uma “rotina operativa”, tendo em vista a experiência adquirida em adestramentos da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE). Um aspecto marcante dessa rotina de ativar

GptOpFuzNav é o comprometimento das OM de Fuzileiros Navais (FN) no que se refere à importância da rapidez e agilidade em ceder seus meios para atender à prontidão dos componentes, independentemente de quem os emprega.

Talvez esse seja um dos principais aspectos que marcaram a transição doutrinária do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) no que se refere ao emprego por GptOpFuzNav. Por influência da doutrina de operações terrestres do Exército Brasileiro (EB), que caracterizou uma fase importante da existência do CFN, organizar a tropa para o combate respeitando a organização tática básica, similar à estrutura administrativa da OM, gerava uma excessiva necessidade de controle do acervo das unidades. Proceder dessa forma era justificável e aceitável à época, pois, para que a OM estivesse pronta, seus meios deveriam permanecer em condição de pronto emprego e, preferencialmente, na própria OM, para que esta pudesse responder de forma integral e autônoma à ordem de prontidão. A evolução doutrinária ao conceito de componentes exigiu maior flexibilidade e uma espécie de “desprendimento” dos acervos das OM de FN para organizar por tarefas um GptOpFuzNav. E a prática dos adestramentos consolidou essa rotina, que pode ter contribuído decisivamente para a rápida e ágil prontidão do GptOpFuzNav-Rio.

Essa agilidade para ativar grupamentos operativos, envolvendo intensa e temporária transferência de meios para organizar os componentes, deve, no entanto, limitar-se aos meios de emprego coletivo. O material de uso individual requer ajustes específicos à biometria de cada combatente e, nesse contexto, a cessão de material individual contraria os argumentos apresentados no parágrafo anterior. O conceito, por

exemplo, de “mochila pronta” ilustra bem a necessidade de manutenção do material do combatente em permanente condição de embarque imediato nos meios da MB.¹⁰ Cabe destacar que o conceito “mochila pronta” possui caráter abrangente, incluindo virtualmente os itens da equipagem individual básica de combate (EIBC).

Para que essa condição seja atendida, é fundamental que o EIBC esteja em condições de pronto uso, ou seja, ajustado e com a carga prescrita individual (CPI)¹¹ acondicionada e impermeabilizada, exceção aceita apenas aos itens de guarda obrigatória em paiol, como munição, armamento e material sensível (sensores, optrônicos, entre outros). Além disso, adotar o conceito de “mochila pronta” representará um ganho indireto em manutenção para o CFN, pois a certeza de que o material será utilizado em proveito exclusivo contribuirá para que o combatente se empenhe em mantê-lo nas melhores condições possíveis, já que ele será o principal beneficiário de um material em excelente estado de conservação e manutenção.

Um segundo requisito logístico que permitiria reduzir ainda mais o tempo de prontidão de um GptOpFuzNav refere-se à existência de maior quantitativo de blindados,

com suas respectivas guarnições. Tal disponibilidade garante o atendimento simultâneo aos exercícios em áreas de adestramento distantes e a prontidão dos meios em região próxima da Esquadra. A FFE tem realizado adestramentos em campos de instrução localizados em outros Estados, proporcionando ótimas condições para explorar a criatividade e a adaptação da tropa em terrenos diferentes das tradicionais áreas no RJ e no ES. Esse aspecto, porém, gera o ônus do deslocamento de retorno da tropa no caso de atendimento a situações de emergência no RJ, como no caso da Vila Cruzeiro, ou mesmo para aquelas que exijam o embarque imediato de um GptOpFuzNav nos navios anfíbios da Esquadra. De fato, a pronta resposta da FFE em prazo inferior a 12 horas¹², exigindo elevado grau de profissionalismo e esforço logístico de suas unidades, representou fator positivo e aderente à característica expedicionária dos fuzileiros navais. Cabe acrescentar que a ampliação do quantitativo de blindados e de recursos humanos especializados está contemplada no Plano de Articulação e Equipamento da MB (Paemb), o que proporcionará maior flexibilidade para o atendimento de situações de emergência similares à da Vila Cruzeiro.

¹⁰ O conceito “mochila pronta” é uma tradução de “bags packed”, utilizado no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos (USMC) para resumir a mentalidade expedicionária no USMC, no que se refere à prontidão para o embarque a qualquer momento, para qualquer área de operações, para cumprir qualquer tarefa. O conceito “bags packed” encontra-se na publicação Marine Corps Doctrinal Publication (MCDP) 3 – Expeditionary Operations, sendo adaptado no relatório do GT A-1 do Seminário “CFN Bicentenário”, constante do Anexo C, item 4.3, sob título “A Mentalidade da Prontidão – o conceito de mochila pronta.”

¹¹ O manual CGCFN-1004: Manual do Combatente Anfíbio, de 2008, define “carga prescrita” como “as quantidades, por tipo de suprimentos, que um comandante, a seu critério, prescreve para o apoio inicial de suas unidade ou subunidades subordinadas, normalmente expressas em Dias de Suprimento, e que depende, entre outros fatores, da capacidade de transporte dos indivíduos ou dos meios de transporte disponíveis”. A quantidade transportada por cada combatente é denominada Carga Prescrita Individual (CPI), enquanto que a carregada nos meios de transporte disponíveis é denominada Carga Prescrita da Unidade (CPU).

¹² O manual CGCFN 0-1: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (1ª REV), de 2010, estabelece o prazo de até seis horas para a prontidão do Elemento Anfíbio (ElmAnf), 72 horas para a Unidade Anfíbia (UANf) e 60 dias para a Base Anfíbia (BANf).

SEGUNDO LEGADO: A IMPORTÂNCIA DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E DA MÍDIA

O impacto político e estratégico das imagens no combate moderno, um fenômeno denominado “efeito CNN”, também se fez presente nas operações na Vila Cruzeiro.¹³ A capacidade de cobertura da imprensa à zona de ação foi decisiva para que o público acompanhasse as operações em tempo real, por meio de dois helicópteros da Rede Globo equipados para a transmissão de imagens de TV, à distância de aproximadamente quatro quilômetros da cena de ação. E tal acompanhamento resultou em expressivas manifestações de apoio da opinião pública ao profissionalismo das Forças envolvidas e sobre a inesperada reação de criminosos em fuga desordenada ao avanço dos blindados com tropas policiais. De fato, a máxima de que “uma imagem vale mais que mil palavras” foi plenamente aplicável na Vila Cruzeiro, projetando uma imagem positiva das Forças envolvidas junto à opinião pública, principalmente no que se refere à conduta responsável das tropas.

A experiência do Haiti pode ter sido decisiva para que a conduta na Vila Cruzeiro pudesse ocorrer de forma profissional e aderente aos direitos humanos

As imagens retrataram o rigoroso respeito das tropas às regras de comportamento e engajamento. De modo geral, tais regras orientam que o emprego de força ocorra por necessidade de autodefesa, respondendo a atos hostis de forma proporcional às ameaças, sendo prioritária a preservação da vida humana e dos danos colaterais à população. Esse aspecto foi essencial para que as Forças envolvidas recebessem diversas manifestações de apoio na mídia, pesando decisivamente para os índices recordes de chamadas no serviço telefônico do Disque-Denúncia, evidenciando o apoio popular e a credibilidade em relação às ações repressivas das forças envolvidas. O resultado disso foi materializado principalmente no volume de apreensões de drogas e armamento e na captura de alguns chefes e gerentes da facção criminosa que controlava a Vila Cruzeiro.¹⁴

A conduta dos fuzileiros navais também reflete a experiência em bem-sucedidas operações urbanas nas ruas do Haiti desde 2004, demonstrando a capacidade e a flexibilidade para graduar o emprego da força na chamada “guerra em três quarteirões”. Esse conceito requer habilidade e consci-

¹³ A expressão “efeito CNN” surgiu ao final da Guerra Fria, em referência à cobertura em regime integral da rede norte-americana Cable News Network, a CNN, de eventos marcantes da história mundial: os protestos na Praça da Paz Celestial, na China, a queda do Muro de Berlim, em 1989, a Guerra do Golfo, em 1991, e a Batalha de Mogadishu, na Somália, em 1993. O “efeito CNN” se refere à forte influência das imagens sobre a opinião pública, funcionando como agente criador, inibidor ou potencializador de políticas de Estado.

¹⁴ A Secretaria de Estado de Segurança do Rio de Janeiro (Seseg-RJ), juntamente com as Polícias Civil e Militar apresentou, em 30/11/2010, na sede da Academia de Polícia Sylvio Terra (Acadepol), no Centro do Rio, todo o material apreendido durante as operações realizadas no Complexo do Alemão e na Vila Cruzeiro. Entre o material apreendido, constavam 33 toneladas de maconha pesada, 235 quilos de cocaína, 27 quilos de crack, 1.406 frascos de lança-perfume, farta munição, artefatos explosivos e coletes balísticos, além de 135 armas longas (fuzis, carabinas e submetralhadoras). Disponível em: <http://www.policiacivil.rj.gov.br/exibir.asp?id=9745>, acesso em 07 dez. 2010.

ência situacional do soldado para flutuar sua conduta em uma mesma área de operações, vertendo entre ações letais típicas de um combate convencional, à postura não letal de operações de paz, até o apoio de assistência humanitária a comunidades carentes. A experiência do Haiti pode ter sido decisiva para que a conduta na Vila Cruzeiro pudesse ocorrer de forma profissional e aderente aos direitos humanos.

A operação na Vila Cruzeiro envolveu inteiramente a atenção da população brasileira, a partir de ampla cobertura da imprensa nacional e estrangeira. O País pôde acompanhar ao vivo a retomada de bicos e vielas anteriormente dominados por traficantes armados e o retraimento desordenado e sob pressão de aproximadamente 200 “soldados” do tráfico para o Morro do Alemão, região dominante no terreno que limita a comunidade da Vila Cruzeiro com o complexo de favelas do Alemão (ver figura na página seguinte). Tais imagens evidenciaram desorganização, fragili-



Primeira página do jornal *O Globo*, em 26 de novembro de 2010



dade e covardia das facções criminosas, contrastando com o descaminho e a arrogância que caracterizam o livre exercício do chamado “poder paralelo” nessas comunidades, que inclui tribunais de exceção, execuções sumárias, exploração ilegal de serviços básicos à população e constante violação de liberdades individuais, entre diversas outras atividades ilícitas impostas de forma abusiva e opressiva à população local. Foi na Vila Cruzeiro que o repórter investigativo Tim Lopes, da própria Rede Globo, foi assassinado por narcotraficantes em 2002, quando fazia reportagens sobre aliciamento de menores em bailes *funk*, com drogas e sexo.

A imprensa associou a realidade das imagens na Vila Cruzeiro à ficção da série “Tropa de Elite”. Por coincidência, a 2ª edição da série ainda se encontrava em pleno cartaz nos cinemas cariocas durante a operação na Vila Cruzeiro, registrando, na ocasião, o recorde de público na história do cinema nacional, com mais de 10,7 milhões de especta-

A pronta ativação de uma célula de comunicação social, subordinada diretamente ao Comando da FFE, alavancou de forma oportuna essas imagens positivas da MB junto à mídia

dores. Desde o lançamento do filme “Tropa de Elite”, a 1ª edição da série, em 2007, a população brasileira tomou conhecimento de uma versão diferente do combate ao narcotráfico nas favelas cariocas, em que se expunha a dura rotina dos policiais do Bope e se invertia, de certa forma, a imagem de quem representava o “bem” e o “mal” junto à sociedade. As imagens de combate urbano nos becos e vielas da Vila Cruzeiro em 2010 foram, assim, veiculadas na mídia como uma versão “virtual” da 3ª edição da série, desta vez travada sob condições reais.

Ao “pano de fundo” da série “Tropa de Elite” juntaram-se as imagens de conduta profissional das Forças e da fuga desordenada de narcotraficantes de um dos piores redutos do “poder paralelo” carioca. Restava, então, explorar adequadamente essa junção de aspectos favoráveis na mídia por um adequado serviço de comunicação social.

A pronta ativação de uma célula de comunicação social, subordinada diretamente ao Comando da FFE, alavancou de forma oportuna essas imagens positivas da MB junto à mídia, operando de forma competente a ligação com a imprensa. Atuando em paralelo ao GptOpFuzNav-Rio, esse serviço pôde esclarecer e bem informar a opinião pública sobre os aspectos inerentes aos meios de fuzileiros navais envolvi-

dos, contribuindo para que a sociedade brasileira compreendesse e apoiasse o emprego da MB nas operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO).

Embora a qualidade do serviço de comunicação social tenha espelhado a competência individual dos integrantes dessa célula, vale ressaltar que esse serviço, tão relevante ao combate na chamada “era da informação”, reflete também o empenho do Sistema de Ensino Naval em incluir essa disciplina nos diversos cursos de carreira de oficiais e praças, colhendo nesse momento os frutos dessa acertada iniciativa. A composição da célula de comunicação social com pessoal dotado de significativo conhecimento das operações de fuzileiros navais e domínio das técnicas de relações/operações com a imprensa mostrou ser uma fórmula interessante a ser mantida nas próximas operações.

Os modelos atuais de operações militares em área urbana no Haiti e na Vila Cruzeiro guardam semelhanças no aspecto de integração

TERCEIRO LEGADO: A IMPORTÂNCIA DA INTEGRAÇÃO DO FUZILEIRO NAVAL COM OUTRAS INSTITUIÇÕES

O emprego de policiais do Bope como esforço principal respeitou o que a doutrina inglesa denomina de *paramount capability*, ou capacidade prioritária para o cumprimento de determinada tarefa. Esse aspecto caracterizou uma OrgTar inédita nas operações de GLO envolvendo as Forças Armadas e tropas de segurança pública na mesma zona de

ação. O Bope possui experiência de atuação no terreno urbano das favelas cariocas, embora a última operação na Vila Cruzeiro tenha ocorrido em 2007. Além disso, o Bope privilegia a leveza na equipagem individual em detrimento da segurança das equipes, evitando o uso de capacete e mochila e empregando coletes balísticos menores, o que proporciona mobilidade e facilita a transposição dos obstáculos nos becos, vielas e lajes das favelas. O reconhecimento dessa *expertise* foi evidenciado ao ser atribuído o esforço principal da operação ao Bope.

Adicionalmente, o emprego prioritário de policiais no assalto desembarcado à Vila Cruzeiro atendeu de forma explícita ao disposto no Artigo 144 da Constituição Federal e permitiu a manutenção da coesão das equipes táticas do Bope, sem a necessidade de incorporação de tropas de outra natureza ou Força Armada.¹⁵ Isso, na verdade, representa a

aplicação de uma lição aprendida durante a Operação Rio, em 1994-1995. Naquela ocasião, o esforço principal das operações realizadas em cada comunidade coube às Forças Armadas. As equipes táticas requeriam a presença de policiais militares para legitimar as apreensões e detenções efetuadas. Tendo em vista a simultaneidade de operações em todo o Rio de Janeiro e o reduzido efetivo de policiais militares (PM) disponíveis para o apoio às Forças Armadas, nem sempre era possível adequar a capacitação profissional do policial militar à natureza da

¹⁵ O Artigo 144 da Constituição Federal estabelece que “a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Polícia Ferroviária Federal, polícias civis, polícias militares e corpos de bombeiros militares.

equipe tática que realizaria determinada tarefa. O emprego, por exemplo, de determinada técnica de infiltração ou equipagem exclusiva das Forças Armadas por vezes tornava eventuais linhas de ação inexecutáveis, por dificuldade em atender ao requisito de adestramento, que permitisse aos PM realizar a mesma tarefa.

É interessante observar que os modelos atuais de operações militares em área urbana no Haiti e na Vila Cruzeiro guardam semelhanças no aspecto de integração. No Rio de Janeiro, as UPP exploram iniciativas de sucesso implementadas na Colômbia ao final da década de 1990; no Haiti, os Pontos Fortes também garantem a manutenção do terreno e proporcionam bases de apoio avançado às operações em suas zonas de ação. A eliminação de uma espécie de “vácuo de poder” em comunidades carentes, por ocupação das forças de segurança pública no Rio de Janeiro e pela Minustah no Haiti, evidencia uma tendência em comum. No caso do Haiti, a capacidade prioritária para exercer o esforço principal nas Omap em áreas de risco ou sob instabilidade residual, inicialmente, sobre as tropas especializadas da Minustah. À medida que a Polícia Nacional Haitiana (PNH) adquire experiência, meios e credibilidade no exercício da segurança pública, a tendência tem sido reverter o controle das áreas de risco à própria PNH, cabendo à Minustah o papel de suporte às operações de GLO. No Rio de Janeiro, o estado dispõe de tropa especializada e experiente para ações letais e não letais nas favelas dominadas pelo narcotráfico, tendo sido uma adequada e feliz solução atribuir o esforço principal das operações na Vila Cruzeiro ao Bope.

Um aspecto de integração que ainda merecerá maior atenção nesse tipo de operação se refere ao controle do espaço aéreo.¹⁶ Nesse contexto, o emprego das agências de controle aerotático poderia ser útil ao GptOpFuzNav-Rio. Em 25 de novembro de 2010, o espaço aéreo da Vila Cruzeiro não foi interditado, sendo explorado unicamente por dois helicópteros da Rede Globo, que se mantinham distantes da cena de ação para evitar os fogos de armas automáticas e por estarem equipados com potentes câmeras que cobriam as operações em *close* e ao vivo durante praticamente toda a grade de programação diária dessa rede. As agências do Componente de Combate Aéreo (CteCA) facilitariam as eventuais ligações com a Força Aérea Brasileira (FAB) para o exercício efetivo do controle do espaço aéreo. Além disso, poderiam contribuir com o estabelecimento de medidas de coordenação que garantissem o emprego das imagens abertas em setores não cobertos pelos meios militares, ampliando a capacidade de apoio das células de inteligência. Os veículos aéreos não tripulados (Vant) do CFN, por exemplo, têm sido de especial utilidade ao CteCA nos adestramentos da FFE e poderiam complementar o esforço de produção de imagens aos centros de comando e controle.

O estabelecimento do CteCA também facilitaria um eventual emprego de aeronaves da MB, principalmente para observação aérea, transporte de tropa, apoio a atiradores de precisão e evacuação aeromédica (Evam). O Complexo Naval do Rio Meriti possui locais de pouso de helicópteros e poderia suprir as necessidades como Base de Operações Aéreas (BOA) para o sobrevoo das

¹⁶ A participação da MB na operação da Vila Cruzeiro estava restrita à cessão temporária de material logístico e de transporte, empregando viaturas blindadas e suas respectivas guarnições para operá-las. Assim, a análise de eventuais capacidades não incluídas ou exploradas pelo GptOpFuzNav-Rio atende a fins exclusivamente didáticos e doutrinários, que contribuam para planejamento e execução de operações semelhantes.

aeronaves na Vila Cruzeiro. Para observação aérea, as aeronaves da MB reduziram a dependência ou mesmo complementariam o uso de imagens abertas produzidas pelos helicópteros da Rede Globo; para o transporte de tropa, a exemplo da Operação Rio, em 1994-1995, as aeronaves poderiam apoiar o assalto de equipes de operações especiais por *fast rope* às regiões dominantes do terreno, bloqueando a principal rota de fuga dos narcotraficantes; plataformas aéreas para emprego de atiradores de precisão são fundamentais para reduzir ameaças ao avanço da tropa, principalmente no assalto embarcado, em terreno urbano e em active, como ocorreu na Vila Cruzeiro; por fim, a possibilidade de Evam diretamente ao Hospital Naval Marcílio Dias flexibilizaria a cadeia de evacuação e ampliaria ainda mais o moral da tropa. A rara oportunidade de iniciar uma operação com o grau de supremacia aérea já atingido representa uma possibilidade importante a ser explorada, e o CteCA teria desempenhado um papel relevante na Vila Cruzeiro.

Em relação ao apoio de blindados, a integração também pode ser aperfeiçoada. O caráter inédito no emprego dos policiais do Bope embarcados em blindados do CFN não permitiu a exploração das potencialidades desses meios em sua plenitude. Essas potencialidades se reúnem sob a expressão “ação de choque”, que implica a associação de três capacidades: poder de fogo, mobilidade e blindagem. No caso específico da Vila Cruzeiro, as imagens da TV identificam que somente a blindagem foi plenamente explorada por ocasião do transporte de policiais do Bope nos principais

acessos da favela. A proteção blindada das viaturas do CFN é superior à dos “caveirões” do Bope, que normalmente são adaptações de veículos civis de transporte de valores, de maneira geral mais frágeis que as viaturas militares. A blindagem das viaturas do CFN garantiu a integridade das equipes do Bope, que não sofreram qualquer tipo de ferimento durante o transporte, a despeito do elevado volume de fogos recebidos das regiões dominantes na Vila Cruzeiro.

O poder de fogo das viaturas blindadas não foi explorado. As estações de apoio de fogo dos blindados não foram guarnecidas,

embora estivessem municiadas e em condições de pronto emprego. Os complexos de favelas do Alemão e do bairro da Penha abrigam aproximadamente 400 mil habitantes, sendo a maioria residente em habitações simples e de paredes estreitas, típicas das favelas cariocas. As ações de GLO

A rara oportunidade de iniciar uma operação com o grau de supremacia aérea já atingido representa uma possibilidade importante a ser explorada

em áreas densamente povoadas, como a da Vila Cruzeiro, requerem cautela da força regular, para reduzir o risco daqueles que habitam construções frágeis ao apoio de fogo de metralhadoras pesadas (calibre .50) e automáticas (calibre 7,62mm). O uso inadequado desses armamentos poderia caracterizar o emprego desproporcional da força e ocasionar danos colaterais inaceitáveis à opinião pública, sendo considerada uma medida correta por parte das guarnições das viaturas blindadas do CFN. Cabe apenas ressaltar que essas estações de armamento não foram guarnecidas, reduzindo o grau de proteção aproximada dos blindados nos estreitos becos e vielas da Vila Cruzeiro. Diferentemente dos blindados do CFN, os “caveirões” são

adaptados com seteiras que permitem o tiro embarcado, suprimindo essa necessidade de segurança aproximada.

A mobilidade do assalto do Bope foi aparentemente lenta. As imagens de TV evidenciam a velocidade de deslocamento dos blindados em ritmo equivalente ao deslocamento de tropa a pé. Algumas imagens também registraram paradas da coluna blindada, sem aparente existência de obstáculos à frente. A lentidão do Bope no avanço do seu escalão de assalto permitiu o retraimento a pé, em terreno ascendente e de forma desorganizada, de considerável parcela dos narcotraficantes. Isto se confirmou com o reduzido número de detenções realizadas nos “bolsões de resistência” ultrapassados, praticamente insignificante se comparado ao efetivo de aproximadamente 200 foragidos que utilizaram a rota de fuga para o Morro do Alemão.

O uso frequente de obstáculos “anticaveirão” nos becos e vielas das principais favelas cariocas e o desconhecimento da capacidade dos blindados do CFN em transpor tais obstáculos podem ter influenciado indiretamente na conduta do Bope no assalto à Vila Cruzeiro. Até então, o único tipo de blindado operado pelo Bope no assalto às favelas era o “caveirão”. À medida que a PMERJ adquiria novas viaturas blindadas para o transporte das equipes táticas do Bope, os narcotraficantes também aperfeiçoavam as medidas de contra-mobilidade, por meio da construção de obstáculos elaborados com trilhos, tonéis de concreto e muros de contenção que impedissem ou retardassem a progressão dos “caveirões”. Em resposta, o Bope incorporou meios tratores para remoção de obstá-

culos e assim prosseguia uma rotina também comum em operações de guerra, no que se refere ao interminável ciclo de ação-reação para atingir um estágio de vantagem operacional sobre o adversário. Nesse contexto, o emprego de equipes de abertura de brechas embarcadas nas viaturas blindadas, capazes de apoiar a mobilidade do escalão de assalto, conforme orienta a doutrina dos fuzileiros navais, poderá ser uma evolução interessante para alavancar as possibilidades de integração em operações similares.

Mesmo com as dificuldades de progressão, o sucesso obtido nos momentos iniciais do assalto poderia ter evoluído diretamente para o aproveitamento do êxito, com a conquista da crista topográfica que domina por vistas e fogos todo o complexo de favelas do Alemão e Vila Cruzeiro. Com maior audácia, o assalto ain-

**Os fuzileiros navais
deixaram excelente
impressão de
profissionalismo, prontidão
e cumprimento do dever
junto à sociedade brasileira**

da poderia ter evoluído para a perseguição, aproveitando a vantagem tática de maior mobilidade e proteção blindada para “ultrapassar” e bloquear a fuga dos narcotraficantes. A ausência de uma força de cerco, para atuar como a “bigorna” do “martelo”, este materializado pelo Bope embarcado nos blindados do CFN, exigia que a oportunidade criada pela surpresa e iniciativa das ações tivesse de ser explorada pela própria tropa blindada. Somente dois dias depois, o êxito das operações na Vila Cruzeiro pôde ser explorado, e de forma tardia, com o avanço sobre o Complexo do Alemão. O próprio secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, declarou: “O que aconteceu no Complexo do Alemão estava planejado para acontecer daqui a 15 meses,

mas, em decorrência dos acontecimentos, tivemos que adiantar”.¹⁷

Desperdiçar essa oportunidade proporcionou tempo para que os narcotraficantes se reorganizassem para combater no Complexo do Alemão, terreno com maiores dimensões que a Vila Cruzeiro, mais complexo em termos de obstáculos e acessos, proporcionando melhores condições de resistência pelos narcotraficantes. De fato isso não viria a acontecer, pois os narcotraficantes utilizaram o tempo disponível para realizar a retirada dessas áreas, evitando o engajamento em condições desfavoráveis com as tropas que assaltavam a Vila Cruzeiro. Provavelmente utilizaram como rota de retirada a rede de águas pluviais que conectavam essas comunidades com favelas vizinhas, fora do cerco iniciado por tropas do EB em 27 de novembro, nos principais acessos ao Complexo do Alemão.

CONCLUSÃO

Antigas lições da doutrina militar de combate a localidade, modernamente adaptadas para Omu, permaneceram válidas ao caso da Vila Cruzeiro. Planejar e executar a

primeira fase clássica desse tipo de operação, realizando o cerco ou isolamento da zona de ação, seria fundamental para evitar a fuga dos narcotraficantes. Quando da incapacidade em realizar o cerco, manter o ímpeto do assalto, explorando ao máximo as oportunidades que permitissem aproveitar o êxito ou mesmo iniciar a perseguição, requeria a capacidade de girar o ciclo OODA

mais rápido que o dos narcotraficantes. O ritmo implementado durante a fase do avanço blindado poderia até ser lento, porém o *tempo* desse ciclo deveria ser superior ao do oponente.¹⁸ Nesse contexto, explorar a ação de choque dos blindados e a superioridade no campo psicossocial, decorrente do apoio da população local e da opi-

nião pública, são aspectos interessantes do combate moderno que podem ser essenciais ao sucesso das operações em áreas densamente povoadas.

Iniciar uma operação em área urbana com o grau de supremacia aérea¹⁹ consolidado constitui uma vantagem marcante que também merece ser explorada na sua plenitude. O reconhecimento e a observação aérea potencializam o comando e o contro-

Explorar a ação de choque dos blindados e a superioridade no campo psicossocial, são aspectos interessantes do combate moderno que podem ser essenciais ao sucesso das operações em áreas densamente povoadas

¹⁷ Disponível em: <http://www.policiacivil.rj.gov.br/exibir.asp?id=9745>. Acesso em 06 dez. 2010.

¹⁸ O ciclo OODA, ou ciclo de Boyd, caracteriza as ações básicas do processo de tomada de decisão, correspondendo às ações de Observar-Orientar-Decidir-Agir. Essa teoria foi desenvolvida pelo coronel da Força Aérea dos EUA John Boyd, ao estudar a performance dos pilotos norte-americanos durante a Guerra da Coreia. Realizar rapidamente a transição entre essas etapas está associado ao termo “ritmo”, enquanto a capacidade de girar o ciclo de forma mais rápida que o inimigo está associada ao termo “tempo”, sem analogia à variável física de mesmo nome.

¹⁹ O manual MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas. 4ª ed. Brasília, D.F., 2007, define “supremacia aérea” como o “grau de superioridade aérea em que a Força Aérea oposta se torna incapaz de interferência eficaz”. Por inexistência de força aérea ou capacidade de defesa antiaérea oponente na Vila Cruzeiro, considera-se que essa vantagem tática já estava consolidada no início da operação.

le nas ações de contingência, permitindo aproveitar o êxito ou iniciar a perseguição quando tais “janelas” de oportunidade se abrirem. A possibilidade de utilizar atiradores de precisão em plataformas aéreas é fundamental para cobrir o avanço da tropa a pé, pois as construções, becos e vielas limitam a observação e os campos de tiro daqueles que se encontram na mesma linha de alturas. O transporte de tropa permite desbordar, envolver ou transpor obstáculos que dificultem a conquista de acidentados capitais que dominem a favela por vistas e fogos. Em resumo, o poder aéreo é essencial nesse tipo de operação.

Por fim, o sucesso e os legados da operação na Vila Cruzeiro foram marcantes para a experiência dos fuzileiros navais, contri-

buindo para aperfeiçoar a capacidade de emprego dos GptOpFuzNav em um tipo de cenário cada vez mais provável no combate moderno. Os Fuzileiros Navais deixaram excelente impressão de profissionalismo, prontidão e cumprimento do dever junto à sociedade brasileira, e os legados analisados nesse artigo trarão ainda maior responsabilidade aos GptOpFuzNav que engajarem em operações semelhantes à da Vila Cruzeiro. Cabe apenas ressaltar o exemplo da experiência romana de que cada vitória é única, exigindo permanente capacidade de adaptação, evitando aplicar as mesmas técnica e tática vitoriosas na última batalha. A mensagem explícita dos bárbaros há mais de 2 mil anos merece essa reflexão: *ne cras, ne cras*.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA> Segurança; Política interna; Corpo de Fuzileiros Navais;